



Os desafios da investigação jornalística em código aberto

Rayya Roumanos

*Docente sênior de jornalismo no Instituto de Jornalismo de Bordeaux
Aquitaine e pesquisadora associada no MICA lab.*

Olivier Le Deuff

*Professor Sênior de Ciências da Informação e da Comunicação,
Universidade Bordeaux Montaigne.*

Tradução de Gabrielle Granadeiro da Silveira



« A verdade virá à tona »

Shakespeare,

O Mercador de Veneza

A guerra da Ucrânia levou para o centro das atenções o termo OSINT (*Open Source Intelligence*), até então reservado apenas para especialistas em investigação de código aberto. Nascido no campo da inteligência militar antes de ser implantada em outros setores, como aqueles de inteligência econômica, monitoramento de informações ou jornalismo, este método de investigação baseia-se em técnicas de reconhecimento, coleta e análise de informações caracterizadas por sua acessibilidade¹. Foi recentemente destacado pela mídia através de checagens sobre a origem e o significado de imagens e documentos provenientes de áreas de conflito. Da localização de tanques russos na fronteira ucraniana, na véspera do ataque, ao exame minucioso de imagens de corpos inanimados em uma rua de Butcha, ou ao reconhecimento visual da identidade de pessoas envolvidas em possíveis crimes da guerra, as investigações do tipo OSINT multiplicaram-se e tiveram um eco considerável na imprensa e nas redes sociais.

Vários meios de comunicação também colocaram em prática operações especiais de verificação de informações provenientes da Ucrânia, como a *France Télévision*, com o programa *Vrai ou fake* (Verdadeiro ou falso), que multiplicou as investigações do tipo OSINT desde o início da guerra, ou a *AFP*, *France 24* e *Le Monde* que se apoiaram em serviços dedicados à investigação visual em código aberto lançados alguns anos antes. Internacionalmente, *Reuters*, *New York Times* e o *Guardian* têm estado particularmente ativos nesta área e permitiram, entre outras coisas, fornecer provas do envolvimento da Rússia em crimes de guerra. E sobre o Twitter, a hashtag OSINT, que gerava, no máximo, alguns milhares de tweets por dia, principalmente entre profissionais da área ou na comunidade de amadores experientes nestas técnicas de inteligência e nos desafios de

¹Le Deuff O., « L'Open Source Intelligence (OSINT) : origine, définitions et portee, entre convergence professionnelle et accessibilité à l'information », *I2D – Information, données & documents*, vol. 1, no 1, 2021, pp. 14-20.

identificação que as acompanham², foi retransmitida dezenas de milhares de vezes nesses últimos meses, muitas vezes além do primeiro círculo de iniciados. Um pico de 12 mil mensagens foi registrado ao mesmo tempo em que começaram as operações militares russas na Ucrânia, em 24 de fevereiro de 2022³. Como explicar essa mania, sobretudo entre jornalistas? E que lições tirar da generalização de uma prática que contém tanto potencial quanto armadilhas técnicas e analíticas?

As origens de uma mania

Começemos por assinalar que a integração da OSINT na prática jornalística é, de uma só vez, inesperada e óbvia. É, aliás, nesta aparente contradição, que é possível identificar as primeiras pistas da explicação de seu sucesso entre os profissionais da informação.

Inesperada porque as técnicas de investigação de código aberto nasceram em um campo que se opõe completamente ao jornalismo, isto é, a inteligência militar, caracterizada pelo sigilo e condicionado pelo processo decisório que informa, enquanto que o ethos jornalístico baseia-se na divulgação de informações de interesse público, fora do âmbito de qualquer vocação judicial ou qualquer lógica de ação. Além disso, o uso deste termo com conotação militar gerou, e ainda provoca, resistência no meio jornalístico, ainda que meios de comunicação renomados como o *New York Times*, *Reuters*, a *AFP*, *Le Monde* ou *France Télévision* tenham adotado a OSINT nos seus procedimentos de investigação. Por outro lado, o aparecimento destes métodos na prática jornalística assume um caráter óbvio porque trazem ao campo novas expertises e ferramentas que lhe permitem se libertar de dois constrangimentos principais: o de espaço, ligado a uma questão de acessibilidade, e o de tempo, determinado pelo ritmo das

² Quanto ao entusiasmo dos utilizadores amadores da Internet pela OSINT como método de investigação da guerra na Ucrânia, leia o excelente artigo de Leo Schwartz publicado na *RestofFold*, em 7 de março de 2022, <https://restofworld.org/2022/osint-viral-ukraine/>

³ De acordo com um artigo de David-Julien Rahml publicado na *L'ADN* em 10 de março de 2022, “Estamos na sombra da guerra”: narrativas dos fãs da inteligência militar que trabalham nas redes, <https://www.ladn.eu/media-mutants/%20redes%20sociais/guerra-ucr%c3%a2nia-internet-users-practice-osint>

atualidades. Na verdade, os métodos OSINT permitem que os jornalistas que os dominam investiguem rapidamente, e às vezes continuamente, áreas de difícil acesso ou mesmo inacessíveis. É também em outro campo de guerra que a OSINT conquistou a sua reputação entre os jornalistas muito antes do conflito na Ucrânia. Foi na guerra da Síria que Eliot Higgins, jornalista autodidata, experimentou, em 2012, diferentes técnicas de verificação e análise de imagens disponíveis na internet antes de criar, em 2014, *Bellingcat*, site de referência em matéria de investigação utilizando código aberto⁴.

Este momento fundador permitiu a muitos jornalistas interessados na investigação e familiarizados com ferramentas digitais identificar os pontos fortes de um método composto de uma série de práticas distintas, alguns dos quais triviais e outros mais decisivos: observar, identificar, coletar, classificar, hierarquizar, decifrar, induzir, esquematizar, modelizar, narrar e visualizar dados acessíveis on-line.

Nenhuma prática é completamente inédita para um jornalista investigativo, já que sua prática é baseada em uma progressão semelhante, mas todos se dedicam ao tratamento de uma matéria-prima há muito negligenciada pela imprensa: aquela composta de vídeos amadores, fotos tiradas por testemunhas, imagens de satélite ou ainda de publicações que explodiram nas redes sociais. Julgados nocivos porque difíceis de avaliar pelos métodos clássicos de investigação, estes documentos constituem hoje o coração da investigação OSINT e oferecem aos jornalistas que saibam manipulá-los a possibilidade de apresentar provas esclarecedoras⁵. Eles lhes permitem ainda escapar de

⁴ Para mais informações sobre as origens do *Bellingcat*, suas investigações e as motivações de seus membros, leia o trabalho publicado por Eliot Higgins em 2021, *We Are Bellingcat: An Intelligence Agency for the People*. Veja também o documentário dirigido por Hans Pool em 2018 “*Bellingcat, les combattants de la liberté*”. Foi transmitido pelo Arte, em 16 de fevereiro de 2021.

⁵ Questionada sobre este assunto, a jornalista da unidade de investigação visual do *New York Times*, Haley Willis, especifica que “há dez anos, antes das primeiras manifestações da Primavera Árabe, a regra profissional consistia em duvidar sistematicamente de provas visuais fornecidas pelos cidadãos. O consenso era considerar esses documentos como não confiáveis porque simplesmente não tínhamos meios para verificar sua autenticidade. Para que uma informação fosse verificada, era preciso ir a campo. As coisas mudaram desde então graças ao OSINT. Isso não significa que o campo se tornou acessório. Mas hoje podemos examinar informações on-line aplicando protocolos de investigação muito rigorosos”. RoumanosRayya e Haley Willis, “Somos considerados estranhos, mas no bom sentido da palavra. Um investigador do *New York Times* testemunha o papel da Inteligência de Código Aberto (OSINT)” *I2D – Information, données et documents*, vol. 1, n° 1, 2021, pp. 82-86.

um alinhamento quase obrigatório às fontes oficiais por apreender os acontecimentos em toda a sua complexidade. Se, como salienta Thierry Watine, os meios de comunicação social são na maioria das vezes limitados diante da tarefa de decodificação-recodificação que lhes cabe, preferindo o tratamento superficial da atualidade à navegação em profundidade e em camadas⁶, os que optam pelo OSINT conseguem reverter essa tendência investindo plenamente no campo, por mais virtual que seja. Seguindo esta lógica, OSINT deixa de ser um método de investigação exógeno para formar uma extensão natural do arsenal dos jornalistas investigativos. Para as mídias que o adotam, constitui um ativo na cobertura de uma zona de guerra, tanto mais que abre caminho para três abordagens complementares.

Verificar, investigar, documentar

Os combates que assolam a Ucrânia são hoje examinados por jornalistas do mundo inteiro a fim de dar conta da evolução dos confrontos e de suas consequências nos planos humano, econômico e geopolítico. Para os especialistas em OSINT, trata-se principalmente de verificar informações provenientes de zonas de conflito, sobretudo porque suas fontes e qualidade são frequentemente duvidosas. Esta abordagem é complementada por dois outros objetivos, segundo Eliot Higgins: o de produzir investigações meticolosas sobre os fatos com vistas a construir um aparato de provas irrefutáveis, e o de documentar crimes de guerra⁷.

A primeira abordagem OSINT resulta em um subgênero específico de pesquisas ditas “reativas”, que geralmente está associado ao *fact-checking*. Várias pesquisas deste tipo foram realizadas pelas células de mídia OSINT com o objetivo de desvendar o verdadeiro do falso e lançar luz sobre informações controversas, frequentemente

⁶ Watine T., « Journalisme et complexité », *Les cahiers du journalisme*, n° 3, 1995, pp.14-25.

⁷ Lucas Minisini, “Bellingcat, l’ONG pour qui la vérité coule d’open source”, *Lemonde.fr*, 21 de maio de 2022, https://www.lemonde.fr/m-le-mag/article/2022/05/21/bellingcat-l-ong-pour-qui-la-verite-coule-d-open-source_6127069_4500055.html

disseminadas pela propaganda russa ou ucraniana. Pensamos, é claro, na investigação do *New York Times* que permitiu estabelecer o envolvimento da Rússia no massacre de civis em Bucha⁸ ou à investigação da CNN que forneceu provas de um ataque russo a uma maternidade de Mariupol em 9 de março de 2022⁹.

Menos frequentes que estas pesquisas rápidas que visam determinar a origem e a validade de uma informação, as pesquisas OSINT ditas “proativas” foram igualmente lideradas pela mídia. Elas permitem compor narrativas documentadas sobre acontecimentos que se desdobraram em solo ucraniano. Jornalistas da *Associated Press*, por exemplo, pesquisaram sobre as perdas humanas após o bombardeio do teatro de Mariupol. Sua investigação baseada em imagens de satélite, vídeos amadores e testemunhos dos sobreviventes deu origem a um longo formato multimídia longo que demonstra a extensão da catástrofe, na qual 600 pessoas morreram¹⁰.

Por sua vez, o *Bellingcat*¹¹ e o *Le Monde*¹² investigaram as armas utilizadas pelo exército russo. A sua investigação forneceu provas do uso de munições cluster pela Rússia, proibidas pela Convenção de Oslo.

Uma terceira abordagem consiste em usar a OSINT para documentar atrocidades cometidas pelos beligerantes. Isso envolve localizar, coletar e verificar documentos retirados do campo para publicá-los em forma de arquivo em um espaço digital suscetível de ser mobilizado durante um processo. Foram principalmente os meios de comunicação

⁸ Malachy Browne, David Botti e Haley Willis. «Satellite images show bodies lay in Bucha for weeks, despite Russian claims». *NY Times*, 4 de abril de 2022. <https://www.nytimes.com/2022/04/04/world/europe/bucha-ukraine-bodies.html>

⁹ Katie Polglase, Gianluca Mezzofiore, Livvy Doherty e Sarah-Grace Mankarious, «Anatomy of the Mariupol hospital attack» *CNN*, 17 de março de 2022. <https://edition.cnn.com/interactive/2022/03/europe/mariupol-maternity-hospital-attack/index.html>

¹⁰ Lori Hinnant, Mstyslav Chernov et Vasilisa Stepanenko, «AP evidence points to 600 dead in Mariupol theater airstrike» *AP News*, 4 de maio de 2022, <https://apnews.com/article/russia-ukraine-war-mariupol-theater-c321a196fbd568899841b506afcac7a1>

¹¹ *Bellingcat*, «These are the Cluster Munitions Documented by Ukrainian Civilians», *Bellingcat.com*, 11 de março de 2022, <https://www.bellingcat.com/news/rest-of-world/2022/03/11/these-are-the-cluster-munitions-documented-by-ukrainian-civilians/>

¹² Arthur Carpentier, Emilie Henny, Adrien Vande Castele e Service vidéo du Monde, «Guerre en Ukraine : les vidéos qui attestent l’usage d’armes à sous-munitions en zone civile», *Le Monde*, 11 de março de 2022, https://www.lemonde.fr/international/video/2022/03/11/guerre-en-ukraine-les-videos-qui-attestent-l-usage-d-armes-a-sous-munitions-en-zone-civile_6117106_3210.html

estrangeiros que investiram neste campo como o *Bellingcat*¹³, o *New York Times*¹⁴ ou o *Guardian*¹⁵, lembrando, de passagem, as convergências recentes entre a lógica jornalística e a lógica ativista na imprensa anglófona¹⁶. Na França, por outro lado, esta abordagem permanece muito marginal¹⁷.

O tríptico que acabamos de descrever traz consigo uma promessa editorial que se baseia em habilidades técnicas assim como comprometimento profissional que pretende combater, por um lado, a inflação informacional através do reinvestimento jornalístico nos esforços de mediação e, por outro lado, aumentar a credibilidade da imprensa ampliando seu papel como contrapoder. Não é, portanto, surpreendente ver o surgimento de um discurso em torno da OSINT tingido de otimismo muito próximo daquele que acompanhou o surgimento, na década de 2010, do jornalismo de dados¹⁸. No entanto, esta abordagem é confrontada com dificuldades técnicas e epistemológicas, ou seja, relativas a um potencial para revelar a verdade e produzir conhecimento.

Desafios de detectabilidade e desejo de verdade

¹³Bellingcat documentou crimes de guerra com um site dedicado baseado no software ForensicArchitecture. Civilian harm in Ukraine: <https://ukraine.bellingcat.com/>

¹⁴« Documenting atrocities in the war in Ukraine », desde 24 de fevereiro de 2022, *NY Times*, <https://www.nytimes.com/interactive/2022/05/22/world/europe/ukraine-war-crimes.html?smid=tw-nytimes&smtyp=cur>

¹⁵ Emma Graham-Harrison & Isobel Koshiw, « Ukraine : a visual diary of horrors in Hostomel », *The Guardian*, 19 de março de 2022, https://www.theguardian.com/world/2022/mar/19/ukraine-a-visual-diary-of-horrors-in-hostomel?utm_term=Autofeed&CMP=tw_gu&utm_medium=utm_source=Twitter#Echob%20x=1647722999

¹⁶ Segundo Weizman, esta abordagem baseia-se em motivações políticas que “não são um obstáculo à aquisição de conhecimento, mas sim um pré-requisito », Weizman E., *La vérité em ruines. Manifeste pour une architecture forensic*, Paris, Éditions Zone, 2011, p. 83.

¹⁷ Roumanos R., Le Deuff O., « L'enquete OSINT. Des traces ouvertes au recit journalistique ferme », *Intelligibilité du numérique*, n° 2, « Traces, données et preuves en contexte numérique: quelles acceptations disciplinaires? », 2021, <https://intelligibilite-numerique.numerev.com/numeros/n-2-2021/2621-enquete-osint-des-traces-ouvertes-au-recit-journalistique-ferme>

¹⁸ Anderson C. W., *Apostles of Certainty. Data Journalism and the Politics of Doubt*, Oxford University Press, 2018.

Do ponto de vista técnico, a principal limitação de uma pesquisa de código aberto se resume ao que Eyal Weizman chama de “limiar de detectabilidade” de um objeto, ou seja, o estado do objeto que pode oscilar entre o identificável ou o não identificável¹⁹. No quadro de uma investigação jornalística do tipo OSINT, o objeto em questão pode ser uma sombra manchada em uma imagem de satélite e correspondendo, após análise, tato a um cadáver, como um traço sonoro ou um flash de luz em um vídeo indicando a origem do tiro ou o tipo de arma usada. Também pode ser um sinal distintivo exibido por um beligerante ou uma silhueta, um rosto, uma cicatriz, etc., permitindo aos investigadores identificar seu dono. Para que a correspondência entre a realidade e a sua interpretação seja suficientemente convincente, todos esses traços devem existir acima do limite de detectabilidade, que também depende da qualidade do objeto observado, bem como o instrumento utilizado para sua análise e as habilidades da pessoa que se dedica ao trabalho de interpretação.

Veja o exemplo das imagens de satélite. Na medida onde o nível de precisão das imagens capturadas por satélites estacionados a centenas de quilômetros da Terra é geralmente baixo, cria-se uma lacuna entre a realidade e a sua interpretação que apenas um olhar especializado é capaz de reduzir. Deste ponto de vista, as imagens de satélite não deixam de evocar imagens médicas que requerem um olhar especializado para detectar pistas essenciais de sombras mal definidas em uma superfície artificial. A análise do perito não é, no entanto, infalível. Está condicionado pela qualidade da imagem e pelo rigor da abordagem analítica que ele adota para basear seu diagnóstico. Nas investigações OSINT como na pesquisa médica, a produção de conhecimento depende do trabalho de interpretação sujeita a erro. Segue uma abordagem do tipo hipotético-dedutiva que consiste em desenvolver hipóteses que possam ser desconfirmadas ou confirmadas de acordo com um protocolo de observação, verificação cruzada e análise rigorosa.

É neste sentido que podemos dizer que as investigações jornalísticas de tipo OSINT utilizam os códigos da abordagem científica, mas aderem elas, no entanto, à sua

¹⁹ Weizman E., *La vérité en ruines. Manifeste pour une architecture forensic*, op. cit., p. 20.

concepção de uma verdade que “vive a crédito”, segundo a bela fórmula de William James²⁰? Se considerarmos que para a ciência o desafio não é tanto chegar a uma verdade absoluta, mas compor um conhecimento razoável e aberto à discussão, o enunciado jornalístico pode seguir o mesmo caminho? Patrick Charaudeau lembra com razão que existe uma fronteira entre comentários acadêmicos e comentários jornalísticos. Se o primeiro retira a sua legitimidade da prudência que demonstra nos seus esforços para reduzir a dúvida, o segundo não pode usar retórica semelhante sob o risco de produzir “um efeito de incerteza, de dúvida, contraditório com as expectativas (mais uma vez supostas) dos leitores”²¹. Por mais rigoroso que seja, o método utilizado pelos jornalistas no âmbito de uma investigação da OSINT permanece, portanto, dependente de um contrato de comunicação que impõe a ela limites epistemológicos evidentes.

Para ilustrar esse limite, tomemos o exemplo das investigações dos cadáveres de civis descobertos em Butcha ou durante o bombardeio da maternidade de Mariupol. Nos dois casos, os investigadores do *New York Times* e da *CNN* seguem um método de investigação comparável ao método científico para elaborar um aparato de provas sólido que demonstre o envolvimento do exército russo nestes dois crimes de guerra. A diferença ocorre no nível da apresentação de provas que respondem a uma lógica de narrativa caracterizada por um duplo desafio informativo e persuasivo. Na verdade, nestes dois longos formatos multimídia, muitos procedimentos narrativos são empregados para explicar a realidade, mas também apresentar uma demonstração que se quer irrefutável. Então, se a narrativa ecoa de uma história factual, ele a apresenta segundo um enquadramento jornalístico marcado por um esquema de explicação totalizante e inequívoca, toda reforçada por grande virtuosismo técnico.

Dito isto, a abordagem OSINT utilizada nestes dois casos, como na maioria das investigações deste tipo, também conduz a uma superação que deve ser assinalada. Contrariamente às produções jornalísticas clássicas, mas conforme uma tendência

²⁰ James W., *Le pragmatisme*, Paris, Flammarion, 2011.

²¹ Charaudeau P., « Discours journalistique et positionnements énonciatifs. Frontières et dérives », *Semenn*, n° 22, 2006, [en ligne] <https://journals.openedition.org/semenn/2793#authors>

impulsionada, entre outros, pelo jornalismo investigativo e, mais recentemente, pelo jornalismo de dados, as produções do tipo OSINT dão lugar de destaque aos bastidores da investigação. A ambição aqui é dupla: por um lado, trata-se de demonstrar transparência para fins deontológicos e, por outro lado, estimular o leitor a apreender o objeto de estudo, em uma ótica participativa e analítica.

E isto representa uma verdadeira ruptura com os métodos tradicionais de cobertura da atualidade, a abordagem OSINT busca inserir o evento em uma duração que vai além do único momento da consulta. Favorece em grande parte uma temporalidade histórica e às vezes até jurídica, produzindo provas admissíveis durante um processo. Nestes enquadramentos, o desafio dos jornalistas consiste em ir além do único momento documental para entrar no acontecimento em um processo temporal que nos permita compreender suas raízes e suas ramificações. Um *antes* e um *pós evento*²² e se delineiam graças à constituição do que Weizman chama de “modelo virtual” composto de informações espartanas²³.

Se tomarmos os exemplos de Butcha e Mariupol, este trabalho consiste em reunir elementos textuais, auditivos e visuais dispersos, bem como testemunhos e documentos oficiais para reconstruir o relato visual dos acontecimentos. Um trabalho de nivelar e sincronizar documentos é então realizado para colocar os fatos em seu contexto, mas também em sua linearidade. Lá onde os dados estão inutilizáveis ou ausentes, procedimentos técnicos e narrativos são usados para preencher o vazio como as reconstituições 3D ou comentários em voz *off*. O todo corresponde, no fim do percurso, a um “hiperdocumento”²⁴ que transcende os limites do acontecimento através de uma construção documentária cuja particularidade é contar com potencialidades digitais para reivindicar uma dimensão histórica e memorial.

²² Roumanos R., Le Deuff O., « S’extraire de l’immediate de l’événement ou la tentation d’un “journalisme irréductible” ». *Communication. Information médias théories pratiques*, 2021, 38(1).

²³ Weizman E., *La vérité en ruines. Manifeste pour une architecture forensic*, Paris, Editions Zone, 2021, p.117.

²⁴ Balpe J.P., *Hyperdocuments, hypertextes, hypermédias*, Paris, Eyrolles, 1990.

Em definitivo, como salienta Weizman, a investigação OSINT, especialmente quando baseia-se numa abordagem de tipo forense, ou seja, numa abordagem científica que pretende responder a questões legais ou judiciais, é capaz de explorar, em associação, os três teatros de operações de uma guerra: o terreno físico, em primeiro lugar, onde a violência deixa seus traços; o do laboratório em seguida, onde os materiais são transformados em provas; e o do fórum, enfim, nessa cena onde as provas são apresentadas, debatidas, aceitas ou contestadas²⁵.

Inteligibilidade *versus* rigor

No campo jornalístico, a OSINT apresenta-se hoje como um método investigativo com base em saberes remediados, bem como em competências e usos inéditos. Ela repousa sobre uma base de práticas profissionais padronizadas, bem como em abordagens emprestadas dos mundos da pesquisa científica e da investigação forense que desfrutam, ambos, de uma legitimidade técnica, epistemológica e deontológica.

Mas para que a abordagem de investigação em código aberto alcance o reforço de forma sustentável do lugar e da credibilidade do jornalismo, deve ser acompanhado de competências informacionais, digitais e científicas tanto entre produtores de informação como entre receptores. Especialmente esses métodos de pesquisa em código aberto exigem um certo investimento por parte dos leitores, por vezes chamados a tornarem-se colaboradores, na medida em que trabalham contra os gêneros jornalísticos clássicos caracterizados por sua verticalidade.

Se a abordagem de investigação OSINT precisar atingir o limite de detectabilidade para extrair informações confiáveis e verificáveis, sua maior dificuldade reside em sua capacidade de atingir o limiar de inteligibilidade dos seus leitores num período em que a economia da atenção favorece a atenção por alguns instantes em vez da leitura profunda e cuidadosa. A facilidade de “mostração” se opõe ao rigor da demonstração, enquanto o

²⁵ Weisman E., *op.cit.*, p. 73.

primeiro parece ser capaz de atingir o público em geral de uma forma mais eficiente. Os desafios aparecem, portanto, tanto de natureza intelectual e educacional quanto informativa.